

HISTÓRIA MILITAR E A ARTE DE DIRIGIR

Major JOSÉ MURILLO BEUREM RAMALHO

I — INTRODUÇÃO

- 1.1 — Na percepção e no estudo da História Militar, encontramos, hoje, um dos marcantes fundamentos para a avaliação e tradução dos pensadores civis e militares na problemática da chefia.

Com efeito, as universidades norte-americanas, de médio e alto nível, ao darem ênfase ao estudo da História Militar na compreensão, interpretação e percepção dos problemas de chefia e de liderança, sentiram não somente a agudeza e profundidade do tema bem quanto reavaliaram a importância de seu entrosamento com os aspectos históricos das pessoas e das comunidades em si.

Não menos atrás sobressaiu-se a Escola alemã que, rica em ensinamentos e experiências, e provedora de proveitosos resultados específicos, nesse setor, se propusera, desde a 1ª Guerra Mundial, a pesquisar e estruturar o sentido de ligação do campo histórico com os desejos de uma massa ávida do melhor sentir e manipular as áreas de ensino correlacionadas com a chefia e a liderança.

Os fundamentos psicológicos e interrelacionados com os aspectos da arte de dirigir assumiram um quadro importante dentro dos teóricos e estudiosos franceses. É que a própria Escola francesa detinha as rédeas do pensamento escolar a respeito, debatendo-se num campo técnico que abriu perspectivas salutares ao esboçamento prático das atividades psico-sociológicas.

- 1.2 — Indubitavelmente, o valor que o desenvolvimento da ciência e da técnica vem impondo, em tôdas as atividades criadoras, tem propiciado não só melhor estudo do elo História-Chefia-Liderança bem quanto à sua mais eficaz interpretação. Nesse prisma é sintomático o que disse a respeito, o Cel J. B. Magalhães:

“Os progressos feitos pela ciência moderna, no que respeita aos estudos do homem, do ponto de vista físico e moral, notadamente a psicologia e ciências correlatas, per-

mitem ao comando dispor de uma soma de informações consideráveis, que lhe facilitam a tarefa.

Sem esses conhecimentos não seria talvez possível bem comandar as massas da guerra moderna".

- 1.3 — Face à exiguidade desta coluna, procuramos abarcar apenas alguns conceitos correlacionados com o assunto. No livro "Chefia Militar", que o autor destas linhas elabora, procuramos alongar tão palpitante quão absorvente matéria. Esta vem constituindo tema nas várias opiniões que se agitam e se fortificam para o engrandecimento cultural-profissional de nosso Exército e de nossas Fôrças Armadas de um modo geral.

2 — DESENVOLVIMENTO

- 2.1 — Desfazendo alusões de que a História Militar limita-se à descrição de fatos, o Marechal-de-Campo ARCHIBALD P. WAWELL, conspícuo e popular soldado-filósofo do Exército britânico, em seu livro intitulado "Soldiers and soldiering" tem oportunidade de mencionar que a mesma constitui "um assunto de natureza humana".

Básicamente, êsse conceito tende a induzir-nos que algo mais do que o simples relatar de fatos e acontecimentos encerra o quadro histórico.

O próprio processo histórico nos conduz a um jôgo de interêsses ao mesmo tempo que nos capacita a sentir a grandiosidade dos feitos e a ação psicológica dos integrantes do quadro histórico.

A arte de chefiar e seu entrosamento com as concepções dos chefes nas batalhas é vivamente retratada pelo General FRANZ HALDER, ex-chefe do Estado-Maior alemão, quando, em sua conhecida sabedoria, entre outros, brilhantemente declarou:

"Para o Estado-Maior, a História servia apenas como base para a missão mais importante de destilar dali o conhecimento da natureza da guerra, no campo da política de Estado, psicologia e técnicas de comando e para a exploração da única fonte da qual podiam ser aprendidas lições duradouras na arte da estratégica".

Escrevendo que o fim da História não é relatar fatos, e, sim, dêles fazer a lição para o futuro, o hoje General JANUÁRIO JOÃO DEL RE, do nosso Exército, pôs em termos diretos e felizes a capacidade criadora da História no próprio estágio sociológico, fornecendo alto subsídio para estudo de Relações Humanas nos chefes militares.

Já o famoso General HANS KISSEL, do Exército alemão, analisando o pânico em combate, assunto crucial na lista das necessidades dos chefes e líderes militares, socorre-se da História Militar para citar que o exemplo pessoal dos oficiais e comandantes, aliado à ação energética, detém o fenômeno da desintegração da moral na tropa.

Como exemplificação, citamos o fato histórico da Batalha de Adua, ocorrida a 1 de março de 1896: O flanco esquerdo avançado do Exército italiano foi colhido por um ataque de surpresa pelos abissínios. Esse flanco, tomado de pânico, lançou-se para a retaguarda, em fuga. Não houve comando, súplica, ameaça e nem a segurança do centro italiano foi suficiente para deter a tropa em recuo desordenado. Uma tropa, bem treinada e equipada era destruída por uma força de etíopes que, numericamente superior, apenas estava armada de lança.

Esse caso concreto, aliado a inúmeros outros, conduz-nos à tese de que não bastam os equipamentos e toda a trama de material pesado a compor a equipe. Algo mais necessita ser introduzido, interpretado e salientado em seus fundamentos para extração de melhores resultados.

A recomposição de forças, a implantação da disciplina e sua movimentação, a obtenção de rendimento proporcional da equipe, a satisfação mútua dos seus integrantes e o estado residual positivo de um chefe entre chefes e subordinados constituem eios intrínsecos na boa manipulação da arte de chefiar. Buscando no processo histórico as origens e consequências dos fatos que se entrecrocaram, a articulação do entendimento entre os de cima e os de baixo e o aproveitamento do pessoal na dinâmica do trabalho, estaremos procurando pensar e sentir, melhor, os erros que se acumulam e os êxitos que se despontam.

A necessária meditação nas páginas heróicas da História Militar aponta-nos a capital importância da chefia e da liderança em busca de solução para os problemas de ordem pessoal quanto de ordem geral.

A fuga para os livros e publicações militares do antanho que retratam as epopeias e campanhas desenroladas pelos grandes capitães; a profundidade nos estudos das guerras passadas, a reflexão no desfiar das biografias dos grandes homens, civis e militares, do pretérito, que se notabilizaram frente às massas; as causas e consequências dos conflitos humanos aflorados e desenvolvidos através de jornadas épicas; tudo isso demonstra, reforça, a tese de que, em sua grande maioria de vezes, o fracasso na obtenção do resultado

positivo e final às questões propostas e existentes no ciclo da vida, reside na inexistência de determinadas características fundamentais de chefia e de liderança.

Pamard, na "Revue Militaire Générale, em 1923, escreveu: "Não pode, com efeito, haver verdadeiro ensinamento sem que provenha do método histórico; é o único que fornece uma idéia justa da guerra, porque é o único que leva em conta o seu aspecto filosófico, isto é, os fatores morais que escapam à análise e que entretanto, são mais importantes que qualquer outro na Guerra".

Fonte inesgotável do saber, a História tem se constituído em reator de cultura no decorrer dos séculos para colocar-se à disposição daqueles que, ontem nascidos, são os chefes de hoje a entrar na imortalidade do amanhã.

É sabido que o General PATTON, de certa feita, escreveu que ANÍBAL, CESAR, HERACLITO, CARLOS MAGNO, RICARDO, GUSTAVO, TURENE, FREDERICO, NAPOLEÃO, GRANT, LEE, HINDENBURG, ALLENBY, FOCH e PERSHING estavam profundamente imbuídos do conhecimento da guerra em suas várias épocas. Mas muitos de seus oponentes denotados também o estavam: porque... o sucesso na guerra não depende inteiramente do conhecimento. Oculta-se invisível naquela centelha vitalizante, intangível, embora tão evidente quanto o relâmpago — a alma do guerreiro.

Buscando nas folhas da História os fundamentos para retratar a associação do homem com sua capacidade realizativa, temos produzido ótimos chefes e líderes experimentados, de que nossa própria História Militar do Brasil teima em mostrar às gerações que se sucedem.

3 — CONCLUSÃO

3.1 — Procuramos, em traços bem sintéticos, estabelecer a ligação entre o panorama histórico e a técnica da chefia e a arte lideralógica.

- Revestido o indivíduo de determinadas qualidades, inatas e adquiridas, ser-lhe-á plausível esboçar um paralelo com as características para arrebatamento de um processo rentável para uso na condução das massas.

A arte e a técnica de conduzir continuam propiciando grandes dificuldades em que pêssem as inúmeras correntes

bibliográficas e os exemplos calcados à base da experiência comum e específica.

A Escola alemã, com seus processos básicos no estudo e na conjugação dos fatores histórico-psico-sociológicos, tem servido de estímulo a correntes filosóficas e dinâmicas. As constantes mutações e resoluções no pensamento liberal francês, no sentido de vitalizar o espírito psico-social, encontrou, salientemente, um aliado na Escola germânica.

A vivificação contínua nas elites culturais norte-americanas em prol de uma pesquisa progressiva, com a meta na planificação objetiva para auscultar as diferenças individuais e coletivas, cronometrando-as num eixo produtivo de trabalho, viria dar novo impulso à dinâmica do indivíduo. Este, como personalidade atuante e como instrumento polarizador na conjuntura interpretativa dos fatos correntes.

- 3.2 — Ao oficial de uma Fôrça Armada, moderna, atuante, seja ela terrestre, marítima ou aérea, caberá conhecer, cada vez mais crescentemente, os vértices dos problemas de pessoal, aprendendo a sentir e a interpretar as ações e reações que se entrelaçam nas aspirações dos que o rodeiam.

A realidade incontestada de que em nossos meios profissionais militares (Exército, Marinha e Fôrça Aérea) vem sendo ministrado novo e progressivo impulso ao estudo das técnicas de ação psicológica e ao exame dos pulsos históricos, no campo interpretativo, constitui sintonia particularmente importante.

A realidade de que em nossas universidades, e emprêças de projeção na indústria e no comércio, vêm sendo radicalizadas medidas de vulto para abrir e ampliar a área de conhecimentos sobre a manipulação de impulsos psicológicos, devemos adicionar nossa admiração e respeito. Aliando a pesquisa histórica à sua compreensão e à sua interpretação, e não ao simples desenrolar de dados regressivos e progressivos, nossas universidades têm composto o terreno em suas mestras.

O aperfeiçoamento de nosso potencial humano militar tenderá ao progressivo aumento de produtividade. Desde que se lhe dê, porém, meios técnicos de racionalização do trabalho, processos científicos no campo da chefia e da liderologia, conjugados a uma hábil compreensão e interpretação dos processos históricos envolventes. A resultante será uma composição de fôrças orientadas à base de uma melhor chefia e a uma mais racional liderança. Seus frutos canalizarão para o progresso contínuo de nossas fôrças terrestres, navais e aéreas.